

## A difícil vida de um biógrafo

Entre ameaças e processos, o biógrafo corre o risco de se tornar uma espécie em extinção no mercado editorial brasileiro

Por Marcos Lauro - [marcoshlauro@uol.com.br](mailto:marcoshlauro@uol.com.br)

“A Vida Como Ela Foi”. Esse foi o nome dado à Mesa 6 da FLIP, que recebeu os dois maiores biógrafos do país e o historiador que foi vítima em uma das histórias mais recentes e igualmente revoltantes de censura, em plena “democracia” brasileira. Estavam lá Ruy Castro, Fernando Morais e Paulo César de Araújo.

De forma não-intencional, Araújo acabou sendo o centro das atenções. Afinal, seu mais recente livro, “Roberto Carlos em Detalhes”, teve sua venda proibida pelo próprio cantor. “Eu entendo que o Roberto não tem muita afinidade com o objeto livro. Ele mesmo disse que não leu a obra, mas, mesmo assim, a proibiu”, disse Araújo, que completou com o provável verdadeiro motivo da decisão: “Roberto

fará um livro de memórias, ditará para alguém as suas lembranças”. Ah, o “rei” não quer concorrência... Está entendido então.



*Tenda dos Autores*

Fernando Morais, inicialmente, ficou com raiva de Araújo pelo ocorrido. “Pelo que eu li na mídia, pensei que você tivesse concordado com essa decisão maluca. Estava com muita raiva de você por isso, porque essa não é uma luta sua, e sim, de todos os escritores e da liberdade de expressão no Brasil”. Araújo foi

mais longe: “Posso ser aniquilado financeiramente, agonizar em praça pública, mas já estou preparando minha defesa com minha própria advogada e vou até o fim!”.

Araújo foi processado civil e criminalmente, por invasão de privacidade e crime imaterial (uso indevido de imagem). Morais, obviamente, discorda da decisão, principalmente no que toca ao uso de imagem: “Imagine se hoje eu fizer um livro sobre o Getúlio

Vargas. Terei de pedir autorização para os seus tataranetos a fim de não ser processado por uso indevido de imagem”. Ruy Castro completou: “Isso torna o trabalho do biógrafo completamente impraticável no Brasil”. Castro lembrou também que já perdeu um processo para Roberto Carlos, em 1983, por um artigo que escre-

veu para a revista Status. “Estamos vivendo uma ditadura togada”, disparou Morais.

A audiência que deu vitória de causa para Roberto Carlos transcorreu em clima de puro terrorismo. Antes mesmo de começar, o juiz ameaçou o proprietário da Editora Planeta, que publicou o livro, de fechamento da sua empresa. Araújo acredita que, por isso, não houve protestos dos advogados da editora e a derrota foi aceita sem alarde. O próprio historiador teve de fazer as suas defesas nos pontos em que se achava demasiadamente prejudicado, principalmente quando, por exemplo, queriam proibi-lo até de falar publicamente sobre a obra. “Eu vou passar o resto da minha vida falando sobre esse livro”, disse para o juiz. Ao término da audiência, o juiz tirou um CD de uma pasta e se apresentou ao Roberto Carlos como cantor. “Por favor, ouça esse CD e me dê a sua opinião”, teria dito a Roberto. Até Araújo ganhou uma cópia do CD do juiz-cantor, numa situação surreal. Antes de ir embora, arrasado, ainda presenciou o juiz e os funcionários do fórum da Barra Funda, em São Paulo, pedindo uma sessão de fotos com Roberto Carlos. Tietagem é pouco para definir.

Ruy Castro lembrou que nos

Estados Unidos, as biografias não autorizadas são muito populares e não sofrem com processos do biografado. “A Hillary Clinton, candidata à presidência dos E.U.A., tem sete biografias não autorizadas publicadas. Todas falando mal. Se ela resolver processar algum dos biógrafos, ela perde a eleição”, explicou Castro, deixando bem claro que esse tipo de proibição é inconcebível numa sociedade verdadeiramente democrática. Ruy Castro também já teve uma biografia proibida de circular. Foi a “Estrela Solitária”, história de Garrincha. As filhas do atleta, que assim como Roberto Carlos no caso de Araújo não leram o livro, entraram na justiça com a acusação de calúnia. Ganharam a causa e o livro não existe nas livrarias.

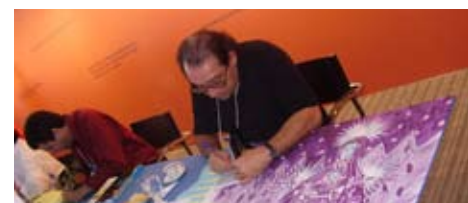
A platéia participou ativamente desta Mesa, com perguntas e observações. Ignácio de Loyola Brandão mandou um bilhete: “Como protesto contra essa decisão, devemos boicotar todos os CD e não ouvir nenhuma música desse tal juiz cantor”. Risos gerais.

Outro bilhete perguntava se Paulo César Araújo ainda ouvia Roberto Carlos. Para responder, ele usou como exemplo a sua filha, de cinco anos. Assim que a citou, Araújo

parou de falar. Extremamente emocionado, ficou alguns segundos em silêncio... A voz não saía. O que restou à platéia foi aplaudi-lo. “Sempre que saía para pesquisar sobre o Roberto, dizia para minha filhinha que estava indo encontrá-lo e que ele faria uma música para ela. Escondido, pegava um CD. Na volta, colocava a música para tocar e confirmava que ele havia feito para ela. Depois do processo, ela continuava ouvindo Roberto, mas só as músicas que ele havia ‘feito’ para ela. Perguntei o porque e ela respondeu – ‘não gosto mais dele, mas essa música ele fez antes de te processar’”. Mais do que respondido. Mais aplausos.

Hoje, o livro “Roberto Carlos em Detalhes” está na internet. Araújo vê isso como uma forma de protesto válida, mas com ressalvas. “Sei que já andaram inserindo trechos no livro que eu não escrevi. E isso é perigoso. É mais um motivo para a obra original voltar para as livrarias”.

Fernando Morais trabalha atualmente na biografia do



*Ruy Castro aproveita, enquanto ainda é permitido biografar, para autografar suas obras. Com Paulo Cesar de Araújo ao fundo*

Paulo Coelho, há dez anos trabalha também com a história do senador ACM e acabou de escrever o que Zé Dirceu lhe ditou sobre seus 30 meses no Governo Federal. Nesse caso, seu trabalho foi o de um “ghost writer”, ou seja, ele não vai assinar o livro. É um livro do Zé Dirceu. “Biografar vivos é melhor pela convivência”, declarou. Hoje (segunda, 9 de julho), Ruy Castro discordou de Moraes num comentário publicado na Folha de São Paulo: “Uma pessoa que seja tão importante para merecer em vida uma biografia será também poderosa o bastante para atrapalhar o trabalho do biógrafo. (...) Para mim, o único biografado possível precisa estar morto. E não pode ser um morto recente, porque a morte transforma, de saída, qualquer um em santo. Leva tempo para que os defeitos voltem a assentar sobre o cadáver e, para isso, ele precisa estar mais que geladinho. Eu diria que 10 anos de morte são o mínimo para que alguém se torne um biografável confiável”. Duas maneiras diferentes para se chegar a um mesmo produto, a biografia.

Outra pergunta da platéia: “Uma biografia deve ser atualizada?”. Moraes citou o exemplo de “Chatô, O Rei do Brasil”, sobre Assis

Chateaubriand: “Para fazer um livro desse, de 800 páginas, se descartam mais 3 livros de 800 páginas. Isso torna as atualizações impossíveis. Até porque a intenção não é fazer a obra definitiva sobre o biografado”. Cassiano Elek, diretor de programação da FLIP e mediador da Mesa, citou o fato de ter aparecido uma máscara mortuária de Chatô logo depois do lançamento do livro. Até mereceria menção no livro, mas ele já estava nas livrarias.

Da platéia surgiu também a idéia de um abaixo-assinado. Durante a Mesa foi citada a brecha da Constituição que permite processos como esse do Roberto Carlos. Ao mesmo tempo em que a Constituição concede o livre direito à expressão, preserva os direitos de imagem. Ou seja, pode-se escrever sobre alguém. Mas o retratado pode te processar por ter escrito sobre ele. Então, foi realizado um abaixo assinado durante a FLIP para que seja feita a correção dessa lei e esse tipo de proibição ditatorial não aconteça mais.

Foi uma mesa emocionante e ao mesmo tempo divertida. Compartilhar as histórias desses três mestres é algo que arreia, faz rir e chorar se transformarem na mesma coisa. A Tenda dos Autores estava lotada. Lá fora, na Tenda

da Matriz, mil e duzentas pessoas acompanhavam a Mesa pelo telão. Isso, sem contar os que ficam de fora da tenda, acompanhando um pouquinho mais de longe. É uma discussão dessa importância, sobre a liberdade de expressão em nosso país, merece essa audiência. Quem dera se papos desse nível acontecessem diariamente em nossa televisão e em nossos rádios. Os juizes iam pensar duas vezes antes de cometerem essas atrocidades e colocarem em prática a tal ditadura togada. “O mesmo juiz que proíbe nossos livros é o que vai para a cadeia no dia seguinte, por ter recebido propina”, disse Moraes. Confiar em quem, então?

---

Essa, infelizmente, foi minha última Mesa. Tive de voltar para São Paulo ainda na sexta-feira e perdi muita coisa boa. Ficam na memória o visual da cidade, o bom nível e quantidade do público e o evento em si. E fica também a vontade de mais. Até a VI FLIP, em 2008.

